

Preço da assignatura

Anno	1\$300 rs.
Semestre	650 "
Trimestre	350 "
Numero avulso	30 "

A correspondencia relativa á administração deve ser dirigida a Antonio Luiz da Silva Dantas e a relativa á redacção ao director de A Restauração.

Redacção, Administração e Typographia
Rua de Payo Galvão — Typographia Minerva

A RESTAURAÇÃO

SEMANARIO CATHOLICO

Preço das publicações

Annuncios e communicados, linha	40 rs.
Repetição, por linha	20 "
No corpo do jornal	100 "

Os srs. assignantes gosam o desconto de 25 % em todas as suas publicações.

As obras litterarias, quando o mereçam annunciam-se em troca de um exemplar.

Editor responsavel

José Maria Nunes Guimarães

O jôgo

Correu a noticia de que, terminado o mês de outubro, o governo faria observar a lei prohibitiva do jôgo. Não sei se essa noticia tem algum fundamento e quero mesmo crer que o tenha. Por isso não vem fóra de propósito fazer algumas reflexões acerca da moralidade dos nossos governos.

Por que é que se prohibe o jôgo? Evidentemente porque se reconhece que é occasião de grandes males para o individuo, para a familia, para a sociedade.

Agora veja-se bem a moralidade dos nossos governos. Apesar do jôgo ser prohibido entre nós por uma lei bem expressa, elles consentem-no, toleram-no publicamente, como se fosse permittido. Daqui vem uma grande falta de respeito à lei, falta commettida por quem devia dar o melhor exemplo, e que fatalmente ha de exercer uma pernicioso influencia no público.

Se os depositarios da auctoridade não respeitam as leis, como é que se quer que o povo as respeite? Póde haver maior incitamento à desordem, à rebeldia, à revolta?

Para que sam as leis e para que se conservam em pé? Não é para se cumprirem? Se não sam necessarias, se sam inuteis, por que se não revogam?

Mas ainda falta a consideração mais interessante: prohibe-se o jôgo, porque se considera como um mal ou pelo menos como uma occasião de grandes males. Agora notem os leitores o bello procedimento dos nossos governos. Quando o jôgo póde fazer mais mal, consentem-no, dam-lhe a mais ampla liberdade; ao contrário, quando elle é menos nocivo, lembram-se de o prohibir. Durante a epocha balnear, quando as thermas e as praias estão mais concorridas, franqueia-se a tabulagem. Durante o inverno, quando as praias e as thermas estão desertas, então prohibe-se.

E' impossivel justificar o criterio dos nossos governos. Parece que elles se empenham em fornecer ao povo occasiões de perdição, quando o seu dever é exactamente o

contrário. Consentir nas estações de banhos thermaes ou maritimos o jôgo é como que alliciar os frequentadores dessas estações a que o frequentem tambem; é dar occasião à tentação, que por várias circunstâncias se torna quasi irresistivel.

Se o jôgo é mau—e quando o não seja por si, é-o pelas suas consequencias—, deve-se prohibir em todo o tempo e em todo o lugar. Mas não póde haver dúvida que, quando a prohibição deve ser mais rigorosa, é quando elle possa ser mais damnoso.

Ha ahí uma bonita villa, onde annualmente se faz uma feira que dura tres dias. E' costume antigo haver jogatina franca durante os tres dias. Os batoteiros entendem-se com a auctoridade administrativa, e ella, na esperanza de tornar a feira mais concorrida, dá plena liberdade de jogar. Isto mesmo succedeu durante o governo regenerador.

Algumas vezes os batoteiros, passados os tres dias, ainda pedem mais algum tempo para entreter os jogadores da localidade. Mas que faz o administrador? Assumindo a attitudum dum funcionario austero, responde com todo o aprumo: «Se jogam mais uma hora, mando-os prender».

Vejam os meus leitores que coherencia! Durante a enchente da feira, quando o jôgo era uma tentação para muita mais gente, consentia. Debanda a feira, ficam apenas os jogadores habitudinarios, que pouco ou nada têm que perder, e então prohibe-se terminantemente o jôgo, como se fosse um grande mal.

A corrupção é geral e tem assumido proporções assombrosas. E de quem é a culpa? Do governo, das auctoridades, que não têm criterio algum, que não têm senso moral, que fazem transigencias criminosas.

Não respeitam os principios, não respeitam a legalidade, não respeitam a justiça. Approvam hoje o que amanhã condemnam; transigem amanhã no que hoje condemnaram. Tergiversam, ladeiam, apuram-se e curvam-se, como faz um homem sem caracter e sem dignidade.

Por isso é que o povo está convencido de que tudo se póde conseguir, seja a favor ou contra a lei, com tanto que

haja bons empenhos, boas influencias, bons patronatos. Quem tiver amigos poderosos póde viver á vontade, ainda que quebrante as leis mais justas. Para elle não ha leis. A lei é a sua vontade. No povo vai-se radicando este prejuizo, este funesto prejuizo, e os nossos governos é que lhe dam fundamento. Se fossem elles proprios respeitadores das leis, se nunca transigissem com o mal, se não apniguassem os transgressores, as coisas correriam doutro modo.

O modo como os nossos governos procedem na questão do jôgo, dá a medida da moralidade que preside na administração pública. E' uma vergonha e um escandalo.

Emquanto os nossos homens públicos forem assim, Portugal continuará a descer na escala da decadencia.

P. A.

«E' util a vergonha que preserva do perigo.»

A actualidade

III

Entre as extravagancias que apresenta Babel, ha uma que merece ser annotada. Todos os que rejeitam a auctoridade da Igreja, censuram-lhe a sua tyrannia. E por uma contradicção instructiva dizem estar ella morta. Em geral, quando um tyranno está morto, já não incommoda. Mas faz-se à Igreja esta dupla e contradictoria censura: ter morrido ha muitos seculos e embarçar o seculo actual. Era preciso que se entendessem: se ella morreu, não incommoda; e, se incommoda, não morreu. Tem-se mofado muito dos que crêem que a sociedade moderna vai perturbar os seus trabalhos para escutar a voz do Santo Padre. E comtudo esta sociedade moderna, tam desdenhosa e tam occupada, toda se gloria, quando afirma não escutar.

Quando S. Pedro falla, bem se póde insultar; mas não se póde deixar de escutar. Isso seria mais altivo; mas ninguem é assás rico para se pagar esse luxo. Philosophos! philosophos! por que vos inquietais pois? Por que é que ha um universal fremito dos homens, quando Roma diz uma palavra? A Roma da loba reinou materialmente; morreu. Se alguém mandasse em seu nome, faria rir, porque ella morreu. Vós pretendeis que a Roma da Cruz morreu por sua vez. Por que é que, quando ella falla,

não tendes logica bastante para rir?

O mundo está muito velho e tem enterrado muitas coisas. Está habituado a ver morrer instituições, reinos e doutrinas. E, quando viu morrer, geralmente perdôa. Quando o paganismo expirava, Vergilio verificava a sua morte, e sem colera a verificava.

Nunhum pensador desengano do lhe fez a honra dum longo ódio. Quando uma creença perece, passa subitamente ao estado de curiosidade. Olha-se para ella como para um animal morto, e o furor é tam estranho ao sabio que a estuda historicamente, como ao naturalista que diseca o cadaver dum cão.

Ha até neste immenso desprezo do espirito humano, que despreza uma doutrina morta a ponto de não ter rancor contra ella, um phenomeno profundo e revelador: pareceria natural a este nobre ultrajado perseguir com um ódio eterno todo aquelle que o seduziu.

Mas um certo desdem, mais alto que o horror e mais forte que elle, transportando a sua colera à calma dum lembrança, apazigua a humanidade. Quando a humanidade sai da noite, perdôa-se as quedas dadas na sombra. E a lembrança da obscuridade, em lugar de romper em imprecações estereis, produz a amargura fecunda do arrependimento com a doçura da acção de graças.

Como é pois, que os revolucionarios, os livres-pensadores, como é que todos os que attestam voz em grita a morte do Catholicismo, não encontram em frente delle, na sua altivez ou na sua creença nova, um pouco de esquecimento? E' que a sua altivez é fingida, e a sua creença nova não existe.

Prestam uma singular homenagem a esta fé que não perfilham já, homenagem tanto mais authentica, quanto é inconsciente e involuntaria. Esta homenagem consiste na impossibilidade de viver em paz sem ella.

Ninguem sabe quanta fé contêm as coleras de que a Igreja é objecto.

Por que ha gritos de raiva, quando é facil desobedecer? E' que não é facil desobedecer e ficar contente.

Por uma exigencia profunda e secreta, o revoltado não se satisfaz com a sua revolta. Quereria impôr silencio à voz soberana. Porque é soberana, esta voz o incommoda; persegue-o, atormenta-o e perturba o seu somno.

O homem que rejeitou a Igreja, não póde dizer com uma voz calma: «A Igreja morreu». Di-lo com uma voz agitada, para acrescentar um instante depois: «A Igreja persegue-me».

O que o persegue não é a Igreja, é a necessidade que tem della. Torna-se responsavel pelos gritos com que o seu espirito a reclama.

Testemunha de accusação contra si mesmo, dirige contra o Christianismo uma colera movediça, que a cada instante muda de

terreno, porque a cada instante lhe falta o sólo debaixo dos pés.

A Igreja o incommoda como a lembrança dum grande abandonada. Quer ella falle, quer se cale, censura-se-lhe alternativamente a sua palavra e o seu silencio, porque a sua palavra e o seu silencio sam a mesma accusação, a mais eloquente, a mais terrivel, a mais dilacerante das accusações: a accusação do amor traído.

Póde o homem inebriar-se consigo mesmo; não póde porém nutrir-se com isso. E' tam pequeno, que não se compraz senão em si; mas é tam grande, que não se satisfaz senão em Deus.

Se o revoltado ousasse descer ao fundo de si mesmo, veria que busca no seu delirio a mais estranha e a mais impossivel das consolaciones, a saber, a approvação da Igreja traída.

«Por que é que tu não queres abjurar a tua sabedoria, parecer-te com a minha loucura e consagra-la com a tua semelhança? O' verdade suave e inflexivel, que eu odeio com todas as minhas forças, porque és suave e inflexivel, quando te tornarás pois, para me acalmar, discordante e furiosa, como o erro e como eu?»

Ernest Hello.

Traducção de P. A.

«Vence duas vezes, quem se vence na victória.»

Carta do Porto

Creio de mim para mim e lembro-me muitas vezes de que o medo da morte é que nos faz ter amor à vida. Pois uma vida cheia de amarguras e contradicções, que razões naturaes tem para que se conserve? Se a morte não é nada, ou se é um conjunto de phenomenos do dominio da physica e da chimica, paralisados ou destruidos por falta de energia, que razão ha para que se não procure num dia de desgosto?

No campo irracional dos homens, que é aquelle em que se não quer conhecer a Deus e se odeia o sobrenatural, assim acontece.

Aos atheus e ainda mais aos que votam ódio a Deus, assim acontece.

Aos irreflectidos, aos precipitados, assim acontece. A esses, só o amor egoista da vida captiva e convida a conservar a existencia; fóra disso só desejam a morte.

O christão tambem ama a vida pelo medo da morte, mas não é só por isso. O christão, o verdadeiro discipulo de Christo, tem mais motivos por que ama a vida. Não lhe basta o sentimento natural, para conservá-la, evitando todos os perigos, porque esse só sentimento facilmente cederia à avalanche que os desgostos produzem, e a morte facilmente seria um refúgio para os infelizes.

Ama a vida, porque cumpre a vontade de Deus, conservando o

A Restauração

que este lhe deu, sem que para isso o consultasse, se era ou não da sua vontade nascer. Ama a vida, porque esta não é só um conjunto de phenomenos physicos e chimicos, mas sim um composto biologico, onde uma alma creada directamente por Deus vem desempenhar uma missão, que, principiando na terra, só acha complemento no ceu. Ama a vida como ama um thesouro precioso, capaz de lhe adquirir uma patria—operando com elle segundo a lei de Deus—onde a felicidade é perpétua e a vida é eterna.

Por estas razões, o christão ama a vida tanto quanto Deus lho permite. Mas, se ao homem faltam as luzes da fé, se esta é treva para o seu espirito, como infelizmente muitos dizem, que lhes vem a restar para conservarem a vida—que por um decreto de Deus é attribuída para todos—, senão o medo da morte? Mas que medo é esse, se a morte não traz consigo responsabilidades de qualidade alguma, porque depois della só resta o tumulo?

Vamos à morte, dizem os mais ousados; vamos à morte, dizem os mais irreflectidos; vamos à morte, dizem todos os que não acreditam em Deus, e apregõem os que o odeiam; e, se por qualquer motivo ella ainda lhes põe medo, dizem todos: «Sejamos cynicos e vivamos uma vida egoista». Por esta última porta tem passado quasi toda a nossa sociedade moderna.

Mas assusta, faz confranger os nervos e estremecer todo o corpo, ver o estado lamentavel a que chegaram em nossos dias povos civilizados, que, pela falta de Deus, converteram tamanhos bens em tam horrendos males!

O último dos fructos desta civilização é o suicidio. Mal verdadeiramente grande e digno de lamentar-se constantemente é este, que, hoje mais que nunca, faz victimas de perdição.

Que scenas tristes se têm dado este malfadado outomno aqui no Porto!

Já não basta o silencio que os homens de bem haviam combinado fazer-se à volta destes casos tetricos e subversivos de toda a ordem: é preciso combater-se sem treguas por toda a parte, emquanto é tempo. O Porto está uma lástima de cegueira a tal respeito.

Tem sido de tal forma grande o mal produzido pelos pessimos exemplos de suicidios, que aqui estamos continuamente dando-se, que ao menor desgosto que se sinta é trivial dizer-se: «Esta vida é impossível, mato-me.» E, se se commenta um mal destes em presença dum ou duma descontente, não se ruboriza de dizer: «Fez elle ou ella muito bem.»

Além da religião, que a todos é precisa para conhecerem a malicia do acto, sam precisas duas coisas mais: tornar os factos o menos conhecidos possível e condemnar por toda a parte e com todos os meios tam nefando acto.

R. L.

“A gratidão é um estímulo para o bemfeitor.”

Condemnação justissima

Foi hontem julgado no tribunal desta comarca o snr. Francisco Xavier de Carvalho, casado, empregado na Conservatória deste concelho.

Era accusado de offensas à religião do estado e à moral pública. O crime fôra commettido por occasião dum peditório para uma

feita de Nossa Senhora, contra quem o reu blasphemara horriavelmente.

Apesar da natural notoriedade do crime e, conseguintemente, da facilidade da prova, ainda houve quem se prestou ao papel de testemunha de defesa. Não porém impunemente: porque o snr. juiz, justamente indignado, exprobrou com dureza aos defensores a semrazão do seu mau procedimento.

Por fim o reu, o miseravel blasphemador da Virgem, foi condemnado em 1 anno de prisão e 3 meses de multa a 500 reis por dia.

Bem haja quem proferiu tam justa sentença. Todos os rigores da lei sam poucos para tam hediondos crimes.

E' preciso não só castigar severamente os atrevidos delinquentes, mas tambem dar exemplos que ponham freio a tantos infames desbocados, a cujas linguas diabólicas não escapam as coisas e pessoas mais dignas de veneração.

Bem haja pois o snr. juiz. Se este seu procedimento, legalissimo aliás, ha de ter contra si as censuras de quem é capaz de incorrer no crime agora condemnado, muito mais vale o applauso sincero, entusiástico e unânime das pessoas de bem, a cujo coração doem as offensas feitas ao que o homem mais deve prezar: a religião e a moral.

Queira Deus que a policia aproveite o exemplo, a ver se cessa, ou pelo menos diminua, esse horrivel concôrto de grossarias e obscenidades, que tornam repugnante, para todas as almas honestas e bem formadas, a passagem por essas ruas e largos.

Se a policia não ha de zelar os mais caros interesses dos cidadãos, fazendo pesar sua mão de preferença sobre os crimes mais perniciosos, mal empregado é o sacrificio que com ella se faz.

Bem haja o snr. juiz, e aprenda a policia a reprimir os desbocados.

“Quem melhor pinta o caracter dum homem, sam as suas acções.”

Anecdota historica

LXXXVIII

Vocação... — O cavalleiro de Boissière (filho do célebre Ninon) morto em 1732 na idade de 75 annos, era um excellento official de marinha, mas dotado dum caracter singularissimo. A sua paixão era a música, da qual todavia elle não conhecia uma nota. Tinha uma sala cheia de violas, violões, guitarras, cavaquinhos, bandolins, e finalmente de quantos instrumentos de corda pôde obter. E' claro que não sabia tocar nenhum. Morava em Toulon; e convidava para a sua mesa quantos músicos italianos passavam por aquella cidade, quer indo para França, quer voltando para Itália. Depois de os ter bem regalado, convidava-os a executar um concôrto para elle só. E eiz como julgava servir a sua singular vocação. O que é pena é que nem todos os artistas desta força (a cujo número pertence o obscuro escrevedor destas linhas), tenham, como tinha Boissière, os recursos pecuniários, para serem fieis à sua vocação.

LXXXIX

O exemplo dos superiores. — E' bem sabida a efficácia que tem, principalmente para o mal, o

exemplo dos superiores. Parece porém que uma boa parte, se não a maioria (pelo menos em Portugal), dos que têm a seu cargo a direcção de seus semelhantes, ou ignoram o influxo do mau exemplo, ou fecham propositadamente os olhos às suas tremendas responsabilidades. Não era assim Nourshivan, cognominado o justo, rei da Pérsia. Andando um dia à caça, quis comer dos animaes que já tinha matado. Como não tinha sal, mandou-o buscar à aldeia mais próxima, prohibindo sob as mais terriveis penas que lho trouxessem sem o pagar. «Que mal haveria» perguntou um de seus cortesãos. «se se não pagasse um tudo-nada de sal?» — «Se um rei» respondeu Nourshivan «colhe hoje uma maçã no pomar de seus vassallos, amanhã os seus cortesãos tomarão a macieira». Tinha razão, e o seu conceito é facil de applicar.

L. F.

“Aceitar certos beneficios é vender a liberdade.”

CURIOSIDADES

«Completo». — Calculou um sabio norueguês que a terra habitavel conta 52 milhões de milhas quadradas. Uma milha quadrada pôde sustentar 1:000 habitantes. O globo será pois completo no dia que a população se elevar a 52 mil milhões de habitantes. Se persiste o augmento da população observado no seculo passado, esse dia chegará pelo anno 2250. Então pregar-se ha no globo terrestre o escripto: «Completo!»

Pianos. — Não é de crer! Ha uma cidade no mundo, feliz entre as felizes, que não possui pianos! Isto é, tem um, mas é como se fosse nenhum. Essa cidade sem igual é Alicante, o porto de Hispanha de vinhos famosos. Não tem pianos. O facto é mencionado num relatorio do consul. «Um só piano entrou em Alicante em 1903. Vinha de França e devia ser comprehendido no mobiliario usado dum pessoa que vinha habitar em Alicante por causa da macieira do seu clima.» Os habitantes de Alicante não conhecem a sua felicidade.

Submarino. — Construe-se actualmente em Toulon um submarino que será o mais pequeno da frota francesa. De 11 metros de comprimento, de 2 de largo, o seu deslocamento não excederá 21 toneladas. Pôde ser que venha um dia em que seja possível oppôr ás grandes unidades alguns navios dum novo genero, cujos flancos estarão erriçados de submarinos, estando estes promptos sempre a saltar ao mar para irem torpedar o adversario.

Plantas doentes. — Até agora só os homens e os animaes tinham o privilegio de possuir hospitaes onde podiam receber cuidados diligentes; mas eiz que agora se imaginou construir nos arrabaldes de Paris um sanatorio para as plantas de todas as especies que guarnecem geralmente os aposentos, e para aquellas que servem nas festas officiaes. As flores, assim como as pessoas, em Paris carecem de ar. A luz electrica sobretudo fá-las perecer rapidamente. Pô-las ham sob o regime da luz e da frescura, sabiamente doseadas segundo o seu grau de enfraquecimento.

Estupefaciente. — Communicou o dr. Dumouchy á sociedade de hypnologia um meio de combater a insomnia. Este remedio tende-lo na palma da mão. Com effeito a mão e sobretudo o côvo da mão, abundantemente provido de vasos sanguineos, é uma fonte de calor. A radiação que dali sai provoca o somno por phenomeno de vaso-dilatação. Para adormecer basta fechar os olhos, collocar a mão levemente fechada deante da região oculo-frontal, com a linha media da mão deante da linha media do rosto. Obtem-se assim um calor muito apreciavel, augmentado ainda pelo do vapor de agua desenvolvido pela respiração do sujeito. A experiencia é facil de fazer, inoffensiva e dum barateza extraordinaria.

No polo. — Onde era situado o paraíso terrestre? No planalto do Pamir, diz uma tradição. Mas um sabio anthropologista, Luis Vitser, descobriu «que o paraíso terrestre era situado no polo norte! Deduz isso da forma dos cranes escandinavos! Parece-lhe que a humanidade se pôde dividir em duas grandes raças: a dolichocephala (brancos da Europa e negros da Africa) e a brachycephala (amarelos da Asia); os americanos e os habitantes da Oceania não se contam. Por conseguinte nós somos dolichocephalos, nós arianos! Mas a nossa dolichocephalia não é pura; corrompeu-se sob o effeito de contingencias de todas as sortes; mas a dos escandinavos permaneceu intacta ou quasi intacta. Por conseguinte é antes ali que noutra parte, que foi o berço da humanidade, o paraíso terrestre! Não é esse o parecer dos exploradores. Mas estes sabios!...

Jornaes. — Nos Estados-Unidos ha uma publicação por 3:400 habitantes, e a Allemanha, o país que, guardadas todas as proporções, possui mais jornaes, só tem uma publicação por 7:500 habitantes. Os Estados-Unidos com os seus 70 milhões de habitantes têm mais publicações que toda a Europa com os seus 400 milhões. Aparecem nos Estados-Unidos jornaes em quarenta linguas e dialectos diversos. Além dos jornaes ingleses, publicam-se outros em allemão, francês, norueguês, sueco, dinamarquês, tcheco, hebreu, italiano, hollandês, hungaro, polaco, grego, russo, hispanhol. Ha até alguns redigidos em arabe, armenio, lithuanio, finlandês, japonês, etc.

“Quem não sabe dar, não tem direito a pedir.”

NOTICIARIO

Typographia Catholica. — Em circular, datada de 3 do corrente mês, participa-nos o snr. José Fructuoso da Fonseca, proprietario da *Typographia Catholica*, estabelecida na rua da Picaria, n.º 74, da cidade do Porto, que acaba de dar sociedade a seu filho snr. Vicente Fructuoso da Fonseca, ficando este com a gerencia da referida officina desde o dia 1.

Ao novo gerente da *Typographia Catholica* desejamos todas as felicidades.

✱

Círculo Catholico de Sande. — Pelas 2 horas da tarde do último domingo foi solemnemente inaugurado o Círculo Catholico de S. Lourenço de Sande, (Taypas), deste concelho, assistindo a esse acto deputações dos círculos desta cidade e de Braga, diversos parochos das freguesias circunvizinhas e muito povo, tocando uma banda de musica e sendo queimado muito fogo.

Desejando dar noticia circunstanciada da inauguração de tam prestante instituição operaria, socorro-nos da noticia enviada para o importante diario catholico portuense—*A Palavra*, visto que nos foi impossivel ir assistir ao acto, como era nosso desejo.

«A's 2 horas dava-se principio á sessão solemne, no antigo salão da escola, onde hoje se encontra instalado o Círculo. Tomou a palavra o rev. Abade da freguesia João Antunes Moreira Leite, presidente do novo Círculo, que se deu por feliz por ver inaugurada aquella obra, saudando a todos os presentes, dum modo particular aos representantes dos Círculos de Braga e Guimarães, e propondo para presidente daquella assembleia o rev. Abade de S. Clemente de Sande, o illustrado collaborador Aphonso da *Palavra* (e nosso tambem), proposta que foi recebida com bravos e palmas. Tomando a palavra, o rev. Paulino Aphonso, commovido, agradeceu aquella homenagem, que para elle era uma surpresa, mas aceitava com gosto, saudando a todos pela inauguração daquella obra, mas nesta saudação queria porém especializar o «grande apostolo do operariado em Portugal», o rev. Roberto Maciel, presidente do Círculo de Braga. Toda a assembleia, com entusiasmo, saudou este benemerito sacerdote.

Deu por aberta a sessão, tomando a palavra o rev. Roberto Maciel, que foi saudado com uma prolongada salva de palmas, saudação que agradeceu. Principiou por saudar tambem os operarios de Sande por aquelle novo Círculo, dizendo que podiam ficar com a justa gloria de serem elles os primeiros, em Portugal, e fundar um Círculo numa freguesia rural. Passou depois a dizer qual a razão de ser dum Círculo de Operarios, afirmando a existencia da grave questão social, qual a sua natureza; depois enumerou todas as escolas e theorias que até hoje se têm proposto resolver o grave problema, fazendo uma synthese dessas diferentes doutrinas e em synthese apresentando a competente refutação, chegando por último a fallar da immortal *Encyclica Rerum Novarum*, cuja doutrina apresentou em resumo, enumerando então as verdadeiras causas da questão social, causas *naturaes* e *moraes* sobretudo.

Neste ponto, referiu-se ao *Naturalismo*, que está invadindo todas as classes sociaes, dizendo como ellas se encontram e o que é preciso fazer, para ellas se regenerarem. E assim, discorrendo largamente, com muita luz e clareza, a todos mostrou o grande bem e, por isso, a grande necessidade dos Círculos Operarios, nos dias que vam correndo. Terminou por um appello a todos, incitando-os a que fossem *operarios christãos*, onde quer que se encontrassem, não se envergonhando de assim o confessarem; para isso, para os illustrar e fortalecer, ali ficava inaugurado e á disposição de todos aquelle Círculo. Rematou, offerecendo ao Círculo de Sande o diploma do Círculo de Braga, levantando ao mesmo tempo calorosos vivas ao operariado, ao novo Círculo, aos parochos ali presentes, aos Círculos do país, ao snr. Arcebispo e a Sua

A Restauração

Santidade, vivas correspondidos freneticamente por toda a assembleia.

Em seguida, o secretario do Circulo de Braga, sr. Carlos Ribeiro, leu uma entusiastica saudação aos operarios do novo Circulo, em nome do rev. Ribeiro Braga, vice-presidente do Circulo bracarense, que por motivos de força maior ali não pôde ir; como leu tambem outra saudação, em verso, feita pelo rev. Silva Gonçalves (*Gervasio Lucas*) filho de Saude, mas que trabalhos do seu ministerio conservavam longe dali naquella dia. Aos dois sacerdotes foram levantados vivas.

Pelo rev. Roberto Maciel foi proposto e pela assembleia entusiasticamente applaudido que se enviasse um telegramma de saudação ao sr. Arcebispo Primás e outro a Sua Santidade, pedindo ao mesmo tempo a sua benção.

Fallou por ultimo o sr. presidente, rev. Paulino Aphonso, mostrando a alegria que lhe ia na alma, pelo que tinha visto e ouvido. Pediu aos operarios presentes que não se esquecessem do que tinham ouvido ao rev. Roberto Maciel, e sempre, em toda a parte, se mostrassem operarios christãos, operarios de fé pratica. Encerrou a sessão pedindo a correspondencia a alguns vivas, o que do melhor grado fez a assembleia, com indivizel entusiasmo.

Organizou-se depois novamente o cortejo, em direcção á igreja parochial, que todos visitaram; e após algum tempo de oração, á convite do rev. Abade, todos entraram na residencia parochial, onde gentilmente foi servido vinho maduro e doce, trocando-se varios brindes, etc. No atrio tocava uma banda de musica e constantemente era queimado fogo. Eram, finalmente, 5 horas da tarde quando se deram as ultimas despedidas, partindo uns para Braga, outros para Guimarães, e aquella massa enorme de povo em vivas continuos, a confundirem-se com a musica e estrepalhar do fogo... Scenas, que só presenciadas, e que jamais esquecem.

Oxalá sejam ellas incentivo para novos empreendimentos.»

Camara municipal.

—Na sua sessão de 18 de outubro proximo findo, depois de lida e approvada a acta da sessão anterior, pediu o sr. vereador José Pinheiro para que o sr. veterinario o informasse se no matadouro municipal havia sido regeitada alguma vez por motivo de doença sendo a resposta negativa.

Procedeu-se em seguida á arrematação dos impostos indirectos municipaes e directo sobre carros, durante o anno de 1906, sendo adjudicados ao arrematante Manuel Teixeira Guimarães, pela quantia de 25:231.5000 reis.

Foram lidos officios dos snrs. administrador e governador civil e apresentados varios requerimentos de interesse pessoal e particular e um da Sociedade Martins Sarmiento desta cidade, pedindo a renovação do contracto que entre ella e a ex.^{ma} Camara Municipal deste concelho foi celebrado em 28 de junho de 1882 com obrigação de tomar a seu cargo a administração da bibliotheca popular municipal creada pela Camara, conforme as disposições do decreto de 2 de agosto de 1870, e ponderando as razões criteriosas que levam a mesma Sociedade a pedir a renovação do alludido contracto; tomado em consideração.

Foram lidas as participações das occorrencias havidas na luz pública, durante as noites de 11 até aquella data, de que a camara ficou inteirada.

—Foi lido um officio do Director da Companhia de Electricidade, des-

ta cidade, communicando que na noite de 10 para 11 do mesmo mês, por effeito do vendaval, quebraram os cabos da transmissão electrica na Avenida da Industria, ficando interrompida em 12 lampadas a iluminação pública, justificando desta forma a falta havida conforme o preceituado no n.º 3.º do § unico do art. 22.º do respectivo contracto, e bem assim pedindo a attenção da camara para a absoluta impossibilidade de obstar a fusão inesperada e casual de alguma lampada, não podendo a Companhia aceitar como principio legal a applicação de multa por tal facto, salvo quando por incurria essa lampada não seja substituida na noite seguinte, como é materia corrente em todas as cidades onde funciona este systema de luz; e camara julgon justificada a falta, ponderando todavia que para observar escrupulosamente a clausula 23 do contracto, não admittiria de futuro justificacão senão nos termos e no prazo a que se refere a mesma clausula; de que se envie novamente á Companhia uma cópia autentica das deliberações tomadas pela camara em sessão de 25 de novembro e 16 de dezembro de 1903 reguladoras de se tornarem effectivas as multas.

—Do mesmo, allegando que na noite de 23 para 24 do mês findo, houve um desarranjo nas caldeiras da fabrica, facto este previsto nas clausulas 21 e 22 § unico do contracto como de força maior, conforme a Companhia participou por officio com data de 27 daquele mês, e não tendo a Companhia communicação official de que esse esclarecimento fôsse regeitado, tendo só agora conhecimento da multa applicada na importancia de reis 24.5480 pela deducção feita na ordem de pagamento da liquidacão trimestral, respeitosamente contesta a alludida multa, indicando para prova do que allega testemunhas, como lhe é permitido pela condiçãõ 43 do contracto; indefere visto já ter resolvido o assumpto de que trata, em sessão ordinaria do dia 27 de setembro ultimo.

—Deliberou confirmar a admissoão provisoria no hospicio do desvalido Manuel, matriculado sob n.º 14 do corrente anno, filho de Joanna Maria, solteira, actualmente em tratamento no hospital da Misericórdia, desta cidade, bem como a entrega do mesmo á ama creadeira Maria Ribeiro, casada, moradora na freguesia das Infantas, deste concelho.

—Deliberou mandar proceder aos estudos duma variante na estrada concelhia n.º 14, das Caldas de Vizella á Torre do Inferno, comprehendida entre os perfis n.º 1 a 31 de modo a tornar mais curto o seu percurso e assim menos dispendiosa a sua construcção.

—Em harmonia com o disposto no art. 18.º do decreto regulamentar dos serviços do recrutamento de 24 de Dezembro de 1901, nomeou a Commissão do recenseamento militar deste concelho, que tem de funcionar no anno futuro de 1906, a saber: para vogaes effectivos: Bento dos Santos Costa, João de Faria e Sousa Abreu, João Vieira de Andrade e Luis Martins de Queiroz. Para vogaes substitutos: Francisco Joaquim da Costa Magalhães, Joaquim Ferreira dos Santos, Manuel Augusto de Almeida Ferreira e Paulo Machado, todos desta cidade.

—Deliberou mandar proceder aos estudos e elaboracão do respectivo projecto e orçamento para a obra de ampliação do actual estabelecimento thermal das Caldas das Taipas, sito na freguesia de Caldellas, deste concelho, administrado directamente pela Camara, obra esta de urgentissima necessidade.

—Pelo sr. Presidente foi apresentado o projecto para renovação do contracto celebrado entre esta

municipalidade e a Sociedade Martins Sarmiento em 28 de junho de 1882 pelo qual a mesma Sociedade tomou a seu cargo a administração da bibliotheca popular municipal, creada e organizada pela Camara conforme as disposições do decreto de 2 de agosto de 1870. A camara considerando o que se infere no requerimento apresentado pela Sociedade, na sessão de hoje, e tendo em vista que já desde annos, em virtude de deliberações legaes, o orçamento municipal encerra em differentes verbas a quantia de reis 670.000, a pagar á referida Sociedade, delibera por unanimidade apprová-lo, lançando no mesmo o respectivo accordam, e mandando enviá-lo á estação tutelar para mecer a necessaria sancção.

Anclorizou differentes pagamentos.

Bilhetes postaes, illustrados com o retrato do Santo Padre Pio X e vista do palacio e praça do Vaticano, Impressão lithographica a tres tintas, em cartão *couché*, a 10 reis cada um.

Ditos com vistas de Vizella, uma das mais importantes estancias thermaes de Portugal, trabalho nacional e portanto preferivel ao estrangeiro, impressão a preto, nitida e cuidada, em optimo cartão *couché*, com photographuras de Marques Abreu & C.ª, do Porto, a 20 reis cada um. Por collecção, que consta de 10 exemplares com 13 vistas escolhidas, tem 20 por cento de desconto.

Vendem-se na Typographia Minerva Vimaranesense, rua de Payo Galvão.

Remettem-se pelo correio a quem enviar a importancia em estampilhas e mais 5 reis para porte por cada cinco exemplares.

“Queres vingar-te do censor? Não dês causa á censura.”

Bibliographia

Recebemos e agradecemos:

—Catalogo, n.º 40 da Real Companhia Horticola-Agricola, do Porto. E' um volume de mais de 300 paginas. Nelle se descrevem nada menos de 14:700 variedades de plantas. A descripção é entremeadada por 342 gravuras, que representam differentes variedades. As collecções enunciadas, tanto de plantas de estufa, como de ar livre (arbustos, plantas ornamentaes, ravares de avenida, essencias florestaes, arvores fructíferas, etc.) sam muito completas. Este catalogo é uma especie de guia, que pôde ser muito util para os amadores de qualquer especie de cultura.

—Propaganda catholica, opusculo 106 (IX anno), cujo assumpto é: «As penas do inferno serão eternas?» Com este opusculo foi distribuido outro de *Leitura recreativa*, cujo indice é o seguinte: «O anjo do collegio»; «Ressurreição»; «O collar do rei Tamani»; «As duas visões». Os opusculos desta empresa têm approvação ecclesiastica.

“Tens invejosos por fazeres o bem? Faze melhor, e confundí-los-has.”

LITTERATURA

A MORTE DA INNOCENTE

Declina o dia. O sino da aldeia dá umas badaladas lentas, vagarosas...; tem um som lúgubre, mas sempre amado...; publica o annuncio duma agonia. De todas as habitações espalhadas pelo campo acodem os bons aldeãos á

igreja, que se eleva simplez e pobre na encosta, como anjo protector que estende as asas sobre a planície circunjacente. E' a hora dos pensamentos sérios e tristes, em que a alma fatigada busca o seu Deus.

Por quem é aquelle rebate de agonia? — Não tardará que um acanhado quarto haja recolhido os últimos suspiros duma piedosa donzella.

Oh não chores a tua sorte, querida creatura! Se tens experimentado a dor, se com Maria tens soffrido e amado a Deus, a morte para ti será doce e bella; bella como o último raio do sol, que, antes de desaparecer, envia ás gradas searas uma derradeira saudação.

Sorriso angélico! Aquelles olhos, que daqui a momentos estarão extintos, ainda se voltam para aquella one enxuga todas as lágrimas; e aquelles lábios, que vam cerrar-se para sempre, beijam uma última vez a celeste imagem da Rainha do ceu.

Excelente creança! Não terás sobre o túmulo mais do que uma pequena cruz; mas o teu final suspiro será recebido por Maria, que te conduzirá aos braços do Senhor. Não tornarás a ver a aurora do exilio; mas a tua alma pura e santa viverá daquelle Deus que dá a luz ao sol.

Ah! aquelle que vive para orar e chorar, para cumprir o seu sacrificio no mundo, como eu o admiro! Mas a morte prematura, antes do sópro do peccado; a morte nos brilhantes annos da mocidade, oh! desejo-a ardentemente, desejo-a loucamente.

Virgem de amor, tu sorris-te para ella, emquanto a sua fronte pallida está coroada de encantadoras flores... Sam ellas! Sam as flores que ella com tanto amor cultivava para ti. A tarde ella recolhía para o seu quatinho solitário os seus bellos lírios, para os forrar ao vento da noite; e ao romper da alva lá os ia expor á frescura da manhã; e com ternas violetas tessia grinaldas para o teu altar. Oh doce sollicitude! Oh recompensa eterna!...

O' Maria, assiste-me tambem em minha hora derradeira. Eu te invoco pelo poder da tua graça, pela doçura do teu amor. Em ti—abaixo de Deus—ponho toda minha fé, em ti toda minha esperança. O' Virgem bonissima, acode a implorar a divina misericórdia, a levar-me á presenca do meu Deus!...

A hora approssima-se; está acabado o exilio; a cruz converte-se em palma. O' Mãe, terna Mãe, ella está a expirar, e ainda murmura o teu nome...; dá-lhe amparo e leva-a para o ceu!... Oh ajuda-me tambem na minha última hora.

Ella esteve apenas um dia no mundo, e comtudo a tempestade tambem a assaltou e a sacudiu. Ella chorou, ella orou, ella procurou em ti o seu unico refugio... Querida creança, repousa em paz: santa será a tua memoria!

Ella amava duas almas candidas, que deixaram a vida antes della e se escaparam de seus braços, voando para o ceu. Ella beijava uma derradeira vez aquellas amadas reliquias e sepultava-as em paz. E, sabendo que Deus está em toda a parte e que em toda a parte vela pela florzinha dos campos, a elle confiava aquelles restos, para os tornar a ver mais bellos no dia do triumpho e da glória. Querida creança, repousa em paz: santa será a tua memoria!

Ella deixava a multidão tumultuosa e, como a Virgem solitaria de Nazareth, tornava-se filha dos campos e fazia-se a mãe dos órfãos, a consolação dos que soffrem e dos que choram. Querida creança, repousa em paz!

E tu, ó Maria, que com teu doce sorriso chamas pelas almas fatigadas, ajuda-me na última hora. Tenho buscado a paz, e não a tenho encontrado no mundo: faze, ó Virgem de bondade, que no último suspiro eu a encontre em teu Coração. Sê a brilhante estrella que me guie e me console no perigoso caminho deste mundo.

A terra do exilio não tem flores para mim: sê tu a minha visão querida; desce até mim e eleva-me até ti. Oh doce mãe do meu coração, eu te bendigo! Tu unes o amor á esperança; tu me desprendes do mundo e me fazes pensar no ceu.

Eu estabelecerei a minha morada á porta do teu templo, e as multidões ouvir-me-ham cantar os teus louvores. Rechacarei do meu coração todos os preségios tristes, e te dirigirei a minha oração no fundo de minha alma. O peccado não habitará em mim, e a minha alma será mais bella.

Virá o outomno com suas saudades, depois o inverno com suas tristezas, e eu já não verei mais o ceu puro da primavera: o mundo, como scenário de theatro, desaparecerá de meus olhos. Então apparecer-me-ha o teu formoso semblante, e a hora tam desejada pela minha alma soará para o ceu. Cheio de confiança me entregarei ao teu Coração, e sentirei um frômito de alegria divina... Lembra-te de mim na última hora, Virgem bemditada!

Accommodado por

L. F.

A tarde no cemitério

Se viste el color del cielo,
Color de los funerales.

Zorrilla.

Pesado manto de nuvens
Envolve o ether profundo,
Fúnebre crepe que adorna
O templo immenso do mundo.

O sol immovel no espaço,
Se acaso assoma uma vez,
Tem duma tocha funérea
A funérea pallidez.

O trovão, se ao longe estala,
Parece da terra inteira
Profundo arranco axhalado
Na convulsão derradeira.

O raio, talhando os ares,
Tem mais sinistro fulgor.
De encontro ás rochas mais rouco
Do mar se sente o fragor.

Tudo, tudo se reveste
Da negra cór da tristeza:
Vê-se a imagem da agonia
No rosto da natureza.

Que tarde! Porém que impulso
De pavoroso mystério
Aqui me tem no recinto
Do sombrio cemitério?

Eu aqui, na feia estância
Do repouso derradeiro,
Por que impassivel contemplo
Todo este quadro agoireiro?

Que faço aqui, neste campo,
Onde ás rajadas do norte
Negro cypreste só vive,
Guardando os paços da morte?

Aqui, no porto, onde livres
Do furor da tempestade
Vêm os baixéis da existência
Ancorar na eternidade?

Aqui, onde as cruces singelas
E os soberbos mausoleus
Sam das victórias da morte
Mil simbólicos tropheus?

Aqui, onde a cada pedra,
A cada sombra ou rumor,
Por mil phantásticos modos,
Da forma e vida o pavor?

Que faço aqui, dos finados
Na solitaria mansão?
Oh! peço aos mortos piedade,
Já que os vivos ma não dam!

A. Lima.

“O bem estar do corpo é dormideira para a alma.”

ANNUNCIOS

Piano

Vende-se um, *Erard*, em perfeito estado. Nesta redacção se diz.

O grande batineiro

Antonio Raymundo de Sousa Guise, com *atelier* de alfaiateria á Praça de D. Affonso Henriques, 36 e 38, desta cidade, encarrega-se de fazer batinas com a maxima perfeição bem como toda a qualidade de obra que lhe seja encomendada.

Tudo perfeito e por preços modicos.

IMITAÇÃO DE CHRISTO

Novissima edição

Confrontada com o texto latino e ampliada com notas
POR

Monsenhor MANUEL MARINHO

Approvada e Indulgenciada
pelo Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Sr. D. Antonio, Bispo do Porto

PREÇOS

Em percalina	300 reis
Em carneira com folhas-douradas	500 »
Em chagrin-douradas	1000 »

Todos os pedidos acompanhados da sua respectiva importancia devem ser dirigidos ao editor **José Fructuoso da Fonseca**, RUA DA PICARIA—PORTO.

Em GUIMARÃES vende-se em casa do snr. **Manuel Joaquim de Oliveira Bastos**.

DICCIONARIO APOLOGETICO DA FÉ CATHOLICA

Em que se contém as principaes provas da verdade da religião e as respostas ás objecções tiradas das sciencias humanas

POR **J. B. JAUGEY**

Presbytero e doutor em Theologia

Com a collaboração de grande numero de sabios catholicos

TRADUZIDO DA 3.^a EDIÇÃO FRANCESA

POR **GOMES DOS SANTOS**

Redactor do "Correio Nacional."

Com auctorização do Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Sr. D. Antonio, Bispo do Porto

Assigna-se no escriptorio do editor Antonio Dourado, rua das Flores, 42, 1.^o—Porto.

As Terras de Valdovês

MEMORIAS HISTORICAS E DESCRIPTIVAS DO

CONCELHO DOS ARCOS DE VAL DE VEZ

POR **José Candido Gomes**

ESTA interessante publicação, que está saindo das officinas da TYP. MINERVA VIMARANENSE, de Guimarães, é uma compilação vasta de tudo o que o seu auctor pôde apurar relativamente a este concelho.

A sua regular publicação é uma empresa arrojada de muito trabalho e poucos interesses. Corresponde, além d'isso, a uma necessidade imperiosa, qual é a de reunir com methodo e concisão todas as noticias historicas, corographicas, estatisticas, biographicas, archeologicas, heraldicas e genealogicas, dispersas pelos archivos publicos e particulares e pelas publicações especiaes.

É trabalho unico em todo o país pela vastidão que o auctor lhe deu.

Acham-se publicados os cinco primeiros volumes

A obra constará de 10 volumes pelo menos.

Condições de publicação. — Todos os cavalheiros que aceitaram o 1.^o volume com declaração de assignatura receberão a obra toda á razão de 200 réis cada volume nesta villa, e mais 50 réis fóra d'ella, quando a cobrança seja feita pelo correio.

O volume avulso 500 réis.

Recebem-se ainda assignaturas pagando os dois primeiros volumes á razão de 500 réis.

Assigna-se e vende-se na

Pap. e Typ. Minerva Vimaranense

Rua de Payo Galvão—Guimarães

em casa do auctor, no Logar de Valverde—ARCOS DE VAL DE VEZ

O Divorcio

Refutação historica, juridica e philosophica dum projecto desastrado dum deputado infeliz, pelo antigo redactor da *Ordem* e professor de sciencias ecclesiasticas no Seminario de Lamego

Mgr. ALMEIDA SILVANO

Preço da obra 500 reis. Pelo correio accresce o porte de 30 reis.

Vende-se:

No Porto — Livraria Popular Portuense, largo dos Loyos, 44, e na Chapelaria Costa Braga, rua de Santo Antonio.

Em Braga—Livraria Escolar, e na redacção do *Commercio do Minho*.

Os pedidos feitos a esta redacção promptamente seram tambem satisfeitos, quando acompanhados da respectiva importancia.

SYNOPSIS

DA

THEOLOGIA MORAL

PELO PRESBYTERO

João Evangelista de Lima Vidal

Doutor em theologia

APPROVADA PELO SNR. BISPO CONDE

2 vol. 1\$200

Livraria França Amado, editor—COIMBRA.

Os Centros Nacionaes

PELO

DOM PRIOR

Manoel d'Albuquerque

Vende-se esta obra em casa do sr. Manuel

Joaquim d'Oliveira Bastos—R. de Payo Galvão.

Preço 300 réis.

ACABA DE SE PUBLICAR

NOVO COMPENDIO

DE

HISTORIA UNIVERSAL

Contendo a historia antiga, da idade media, moderna e contemporanea

PELO

PADRE ANTONIO MANUEL DOS RAMOS

Professor do Seminario dos Carvalhos

2 volumes. 1\$500 reis

Deposito geral: LIVRARIA PORTUENSE de Lopes & C.^a, rua do Almada, 119 a 123 — Porto.

Curso de Economia Social

PELO

R. P. Ch. Antoine, S. J.

LENTE CATHEDRATICO NA UNIVERSIDDE CATHOLICA DE AGNERS

Vertida em portuguez

PELO

Presbytero Miguel Ferreira de Almeida

Doutor na S. Theologia e Direito Canonico, Conego Honorario da S. Basilica do Loreto com honras de Familiar e Commensal do Papa, Capitular da Sé de Vizeu, Secretario Geral da Congregação universal da Santa Casa do Loreto em Portugal, Condecorado por Leão XIII com a Cruz de ouro de 1.^a classe "pro Ecclesia et Pontifice" e redactor da "Revista Catholica."

É por todos sabida a importancia cada vez mais extraordinaria da grande e espantosa questão social, que, desde ha muitos annos, absorve as attentões dos governos, tanto das nações mais humildes, como das de primeira ordem.

A esta questão prendem-se os mais altos interesses, não só politicos, economicos e sociaes, mas até mesmo religiosos.

Sam bem sabidos os esforços que Leão XIII empregou, durante o seu longo pontificado, para dar-lhe uma solução harmonica com os direitos da justiça e da caridade.

Quantas e quantas vezes não só nas Encyclicas memoraveis, mas tambem nos seus discursos e allocuções, se occupou desta questão gravissima, inquestionavelmente a primeira de todas as que absorvem a attenção da Igreja e dos Estados?

E, todavia, em Portugal, só desde ha tem poucos annos é que a imprensa se bem della occupado, e pouco, bem pouco, na verdade, se tem escripto sobre esta grandiosa questão, de todas a mais candente e monumental.

Desde ha muito que andavamos premeditando a publicação duma obra em que ella fosse tratada scientifica e magistralmente, em toda a sua profundidade e ramificações multiplices.

Tinhamos conhecimento de várias obras, mais ou menos volumosas, mas bem poucas nos satisfiziam completamente. Umam eram nimiamente resumidas, e isto o maximo numero, outras nimiamente volumosas. E assim nos achavamos embaraçados na escolha.

No meio da nossa indecisão escrevemos a um nosso douto amigo de Roma, que vive no meio sabio daquela cidade, para que, depois de ouvir a opinião de pessoas competentes, nos indicasse a que melhor conviria ao nosso meio.

E este nosso doutissimo amigo aconsellou-nos a traducção em portuguez do *Curso de Economia Social*, do R. P. Ch. Antoine, S. J., lente cathedratico da Universidade catholica de Agners.

Lemos com vagar esta douta obra, e, quanto mais lemos, mais nos convencemos da optima preferencia que, entre todas, lhe deu o nosso amigo de Roma.

Ella é o fructo das lucubrações do douto cathedratico da Universidade catholica de Agners, o qual, encarregado de ensinar a complicadissima e vasta sciencia de economia social, conseguiu reduzi-la ao methodo scientifico, com grande proveito dos academicos.

O plano da obra, apesar de não muito volumosa, é vasto, as materias apresentam-se methodicamente coordenadas, e apesar de scientifica no seu fundo, é clara, essencialmente pratica, que é o que mais importa.

Derrama jorros de luz sobre todas as questões multiplices que dizem respeito a economia social, que hoje apresenta um aspecto todo differente do que era nos tempos passados, em razão da revolução immensa que os machinismos modernos vieram introduzir nas industrias, no com mercio, e no meio social.

Numa palavra, esta obra não é sómens te util, mas de absoluta necessidade para todas as pessoas illustradas, seja qual for a sua profissão; o rev. clero e os catholicos precisam de estudá-la para saber a orientação que devem seguir no meio do labyrintho de opiniões encontradas, e muitas dellas falsas, de que o socialismo e anarchismo faz larga propaganda.

A razão que nos leva a dar publicidade a esta obra monumental, que será cuidadosamente revista, é a certeza de que prestamos um valiosissimo serviço, não só á Igreja, mas á propria sociedade civil, que tanto precisa ser elucidada sobre a questão capital que a todos interessa.

Se nos fosse licito, especialissima recommendação fariamos della aos Seminarios, onde o ensino da economia social se torna duma urgencia summa, attentas as circumstancias do nosso tempo. Para texto não se encontrará compendio mais nas condições, a que nada falta nem o methodo nem a clareza nem a substancia.

Condições da assignatura

Esta obra constará de dois volumes, magnificamente impressos em bom papel e distribuidos ás cadernetas de 80 paginas pelo preço de **160 réis**, pagos no acto da entrega.

Todas as pessoas que angariarem 10 assignaturas e se responsabilarem pelo seu pagamento, têm direito a um exemplar gratis; angariando 15, dois.

Toda a correspondencia deve ser dirigida a Alfredo Paes Pereira dos Santos, administrador da Empresa da *Revista Catholica* — Vizeu.

PEDRO SCAVINI

THEOLOGIA MORAL UNIVERSAL

Edição unica e completa em Portugal

Está já completo o 1.^o volume da segunda edição portugüesa da importantissima obra de Scavini

THEOLOGIA MORAL UNIVERSAL

revista e augmentada sobre a decima sexta e ultima edição latina, pelo Conego J. M. Rito e Cunha, professor de sciencias ecclesiasticas no seminario de Vizeu.

Um grosso volume de 854 paginas, com o retrato do auctor, brochado, 2\$000 reis.

Continúa aberta a assignatura por cadernetas ou volumes. Pedidos ao editor e proprietario

José Maria de Almeida

Rua de Grão-Vasco—VIZEU